



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

SEXUALIDADE E LOGOTERAPIA: UM ESTUDO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DEFICIENTES VISUAIS

Camila Patrício Guedes
UEPB
cpgcamilaguedes@gmail.com

Ênnia Priscila de Melo Costa
UEPB
enniapriscila@hotmail.com

Marinalva da Silva Mota
UEPB
marinasmota@gmail.com

Victória Rayane Silva Freitas
UEPB
Vivifreitas18@gmail.com

INTRODUÇÃO

A temática central desta pesquisa, qual seja, a sexualidade, tem como base teórica e epistemológica a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Emil Frankl. Para Frankl (1973), o ato sexual deve efetivar-se com naturalidade, numa atitude de entrega, onde os amantes se encontram espiritualmente. Deve ser uma culminância do amor autêntico entre dois parceiros.

Para o referido autor a sexualidade nos dias atuais vem sendo banalizada, confundida com o ato sexual limitando-se à liberação de impulsos e à busca de prazer, desconsiderando que se trata de uma dimensão humana, que está presente em todas as experiências que o ser humano vivencia, consigo mesmo e com outras pessoas ao longo de sua existência. Sendo

assim, muito mais que o ato sexual, a sexualidade aqui entendida é expressão da personalidade.

Com base nesta visão de sexualidade, as crianças e adolescentes devem ser conscientizados de que as mudanças psicosssexuais que ocorrem ao longo do desenvolvimento (PEREIRA, 2005), devem ser orientadas para o encontro verdadeiro com o outro, no amor e na autotranscedência e não apenas no ato sexual, sem amor, responsabilidade ou compromisso.

No entanto, crianças e adolescentes têm aprendido do meio sociocultural (sociedade, mídia, família, religião, escola) uma visão de sexo e sexualidade muitas vezes preconceituosa, confusa e focada no corpo e no prazer, findando por internalizar comportamentos que expressam valores presentes neste meio. Como mencionado anteriormente, a sexualidade nos dias atuais, vem sendo reduzida à liberação do desejo sexual e do prazer físico, reverberando em vários problemas sexuais modernos: sexo livre, prostituição, gravidez na adolescência, bebês mortos ou abandonados, violência sexual, pedofilia, entre outros (PEREIRA, 2005).

Neste sentido torna-se imperativo promover educação e orientação sexual, não apenas voltadas para o uso de preservativos, mas para o conhecimento de si mesmo, do corpo e da sexualidade como parte do ser humano integral.

Em se tratando de crianças e adolescentes deficientes visuais, faz-se necessário um conhecimento mais apurado a respeito do desenvolvimento psicosssexual dos mesmos, uma vez que a deficiência visual limita as informações vindas do meio externo, diminuindo uma grande quantidade de estímulos necessários à construção de conhecimentos do mundo. O que não pode ser interpretado como impedimento ao desenvolvimento da sexualidade e demais dimensões humanas.

De acordo com Sá; Campos; Silva (2007) uma das peculiaridades da pessoa cega é a forma de apreensão do mundo exterior, isto é, os deficientes visuais lançam mão dos outros sentidos para estabelecer contato com o meio que os cercam. Ante a ausência da visão, os sentidos como o tato, a audição, o olfato e o paladar, por exemplo, tornam-se mais desenvolvidos por força da necessidade.

É sabido que, o final da infância e início da adolescência são etapas do desenvolvimento psicosssexual marcadas por modificações físicas e subjetivas, que despertam nos meninos e meninas novos desejos, fantasias e incertezas, que envolvem a sexualidade. Assim, questionamos: Como os púberes e adolescentes deficientes visuais têm vivenciado tais mudanças? Que conhecimentos têm a respeito do corpo e suas transformações biológicas? Para eles/elas o que é sexo, sexualidade e suas expressões? Quais dúvidas e expectativas são geradas em torno de si mesmos/as e do encontro com o outro?

Nesta perspectiva esta pesquisa-ação, de cunho também interventivo, teve como objetivo analisar o desenvolvimento da sexualidade de crianças e adolescentes deficientes visuais, alunos/as do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste de Campina Grande-PB.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2011) e Caleffe & Moreira (2008) este é um tipo de pesquisa social com base empírica, na qual há uma ampla interação entre pesquisadores e pessoas envolvidas na situação problema. Este tipo de pesquisa qualitativa demonstra ser o mais indicado para atender os objetivos propostos, uma vez que, os pesquisadores desempenham um papel ativo na resolução ou compreensão das questões levantadas na situação observada, buscando resolver problemas, ampliar o conhecimento e o nível de consciência dos indivíduos alvo da pesquisa.

A amostra não aleatória constituiu-se por sete alunos/as deficientes visual, de ambos os sexos, com idade entre 10 e 15 anos, do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste de Campina Grande, Paraíba.

Para a realização da coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: observação participante; questionário sócio demográfico e entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio. O primeiro momento foi destinado à aplicação do questionário sócio demográfico e no segundo momento foi realizada a entrevista semiestrutura – contendo questões embasadas no tema supracitado, a observação fez parte dos dois momentos.

Para análise dos dados coletados teve-se como base a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) onde, a partir das observações e

entrevistas aplicadas junto aos sujeitos da pesquisa, fez-se a descrição analítica e interpretação inferencial das informações coletadas.

Após a coleta de dados foi realizada intervenção pelos pesquisadores que teve como tema norteador a sexualidade como dimensão da personalidade humana e suas manifestações no decorrer da vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sete púberes e adolescentes entrevistados têm entre 10 e 14 anos, sendo cinco meninos e duas meninas, quatro (4) são portadores de cegueira total e três (3) tem baixa visão. No que tange a questão da religiosidade, três afirmaram ser católico, outros dois disseram ser protestantes e dois não tem religião. Todos moram com familiares (a maioria com pai e mãe) e frequentam o ensino regular em outra escola. Dos sete sujeitos, três praticam esporte (judô e futsal), um estuda música e teclado e três não fazem nenhuma dessas atividades oferecidas pelo Instituto dos cegos.

Quanto aos dados da entrevista semiestruturada, na qual foram abordados temas diversos sobre a sexualidade, as respostas dos participantes foram concisas demonstrando desconforto, timidez e falta de informação sobre o tema em questão. Com a divisão da entrevista por temáticas (a saber: sexo e sexualidade; o corpo e suas mudanças; a cultura e seus valores; participação/influência da mídia, família e escola) foi facilitada a realização da mesma quanto à apreensão do tema supracitado.

Em relação às perguntas sobre as mudanças do corpo, eles se sentiram acanhados para responder, mas citaram algumas mudanças como: aumento dos seios; pelos no corpo; estatura; tom da voz; crescimento das partes íntimas ratificando o pouco conhecimento que têm. Quando indagados sobre a forma de aquisição das informações sobre sexualidade, responderam em unanimidade, que seus pais ou responsáveis não conversam sobre esse tema. No que tange a obtenção destas informações o grupo afirmou busca-las através de professores, meios de comunicação (TV, internet) e amigos. Acrescentaram ainda, que os conhecimentos que possuem sobre sexualidade foram, em suma, adquiridos na escola, no instituto (Local da pesquisa) e em conversas com os colegas. Por fim, alguns acrescentaram terem algum tipo de experiência sexual, seja através da masturbação, ou até mesmo através do ato sexual em si; em contrapartida, outros (a maioria) não tiveram experiências

sexuais e afirmaram que a relação sexual é algo importante para a vida e que só deve acontecer com a pessoa certa, ou seja, com quem se tem afinidade.

Assim, pudemos constatar na fala dos entrevistados que discorrer sobre sexo/sexualidade causa vergonha, mexe com tabus e conceitos remetidos tão somente ao ato sexual. Que os pais ou responsáveis não participam da educação sexual dos/as filhos/as, o que os obrigam a procurarem entender seus conflitos e compreender suas mudanças, sozinhos. Constatamos ainda que, mesmo sendo deficientes visuais, totais ou parciais, os entrevistados demonstraram ter interesse em entender o sexo e, mesmo de forma sucinta, suas falas indicaram que, assim como os púberes e adolescentes videntes, eles passam por situações semelhantes. E como diz Sá; Campos; Silva (2007) os deficientes visuais lançam mão dos outros sentidos para estabelecer contato com o meio que os cercam. Mesmo quando este meio é limitado pelo preconceito dos adultos que os rodeiam.

É importante lembrar que a pesquisa teve um cunho interventivo e para tanto, foi realizado um encontro com o grupo estudado para esclarecer questões relacionadas ao sexo e sexualidade compreendidos como expressão do amor a si mesmo e ao outro, como afirma Frankl (1973).

REFERÊNCIAS

- CALEFFE, Luís Gonzaga; MOREIRA, Herivelto: **Metodologia da Pesquisa para o professor pesquisador**. Ed. Lamparina, 2ª. Ed., Rio de Janeiro, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdos**. Lisboa: Edições 70 1977.
- FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Sentido da Vida**: fundamentos da Logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 1973.
- PEREIRA, Antonio C. Amador. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: HARBRA, 2005.
- SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento educacional especializado**: deficiência visual. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**.18.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

